26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS AFROCENTRADAS: TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA À DESINFORMAÇÃO E AO RACISMO RELIGIOSO

AFROCENTRIC COMMUNITY LIBRARIES: *TERRITORIES OF RESISTANCE TO DISINFORMATION AND RELIGIOUS RACISM*

Andresa Paula Leal Antonio – Universidade Federal Fluminense /(UFF)
José Antonio da Silva – Universidade Federal Fluminense /(UFF) e Fundação Casa de Rui Barbosa

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo discutir a relação do fenômeno da desinformação como vetor de propagação do racismo religioso no Brasil e analisar as bibliotecas comunitárias afrocentradas como espaços que contribuem para mitigar a proliferação dos ataques às religiões de matriz africana. A fundamentação do estudo foi feita sob o aporte de uma pesquisa bibliográfica e, para análise das bibliotecas comunitárias, realizou-se um estudo de caso múltiplo com as bibliotecas comunitárias afrocentradas Erê e Maria da Glória - Dagó. Discute-se a desinformação e o racismo religioso como ferramentas de manutenção de poder dos povos dominantes, reconhecendo ainda o racismo como base da formação da nossa sociedade. De outro lado, busca, nas bibliotecas comunitárias afrocentradas, identificar um caminho inverso que valoriza e protagoniza a cultura afro-brasileira e, por conseguinte, as religiões de matriz africana. Os resultados apresentados indicam que as bibliotecas comunitárias afrocentradas caminham nessa direção, sendo lócus de resistência ao racismo religioso por meio da informação étnico-racial e da pretagogia. As conclusões do estudo sinalizam que as bibliotecas comunitárias afrocentradas analisadas contribuem para o enfrentamento da desinformação que potencializa os ataques às religiões de matriz africana fazendo uso de seus acervos e práticas direcionados à cultura negra.
Palavras-chave: biblioteca comunitária afrocentrada; racismo religioso; desinformação.

Abstract: This research aims to discuss the relationship between the phenomenon of misinformation and its role in the spread of religious racism in Brazil, and to analyze

Afrocentric community libraries as spaces that contribute to mitigating the proliferation of attacks on religions of African origin. The study is grounded in a literature review, and a multiple case study was conducted with the Afrocentric community libraries Erê and Maria da Glória - Dagó to analyze the libraries themselves. Disinformation and religious racism are discussed as tools used by dominant peoples to maintain power, while also recognizing racism as the foundation of our society's formation. Conversely, it seeks to identify a counter-path within Afrocentric community libraries that values and highlights Afro-Brazilian culture and, consequently, religions of African origin. The results presented indicate that Afrocentric community libraries are moving in this direction, serving as sites of resistance to religious racism through ethnic-racial information and Black pedagogy. The study's findings indicate that the Afrocentric community libraries analyzed contribute to combating misinformation that fuels attacks on religions of African origin by making use of their collections and practices directed towards black culture.
Keywords: afrocentric community library; religious racism; disinformation.

1 INTRODUÇÃO

"Fizesse então numa igreja ou em qualquer outra parte, menos num antro de feitiçaria, num terreiro de candomblé [...]". Este diálogo consta do filme O Pagador de Promessas (1962, 29', grifo nosso)[1] e ocorre entre a personagem principal e o padre que, ao tomar conhecimento de que a promessa pela vida de um burro se dera num terreiro, a Iansã[2], refutou que ela fosse cumprida em um templo católico. Este recorte ilustra a desinformação e o preconceito direcionados às religiões de matriz africana ao longo do tempo e espaço, temáticas da presente pesquisa.

Desinformação tem origem no conceito de *disinformation*, que representa "o conteúdo falso que é produzido e distribuído com a intenção de enganar: é a "mentira deliberada", geralmente utilizada para benefícios políticos e financeiros", conforme aponta Bezerra (2024, p. 75). Já para Jorge (2023, p. 17), desinformação "é um conceito guarda-chuva, que abarca [...] falsidade, falsificação; mentira, inverdade, não-verdade [...]". A partir desses conceitos, e sob o recorte dos ataques sistemáticos às religiões de matriz africana, defende-se que a desinformação é um vetor que contribui para ampliar os preconceitos associados a elas. Tem-se, assim, uma fórmula que potencializa o racismo religioso.

Nesse sentido, Nogueira (2023, p. 83) afirma que é "no racismo que está o componente nuclear das diversas formas de violência contra as Comunidades Tradicionais de Terreiro

[1] **Filme "O pagador de promessas"** – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oyYDcXD-SqI. Acesso em: 02 jun. 2026.
[2] Pelo sincretismo religioso brasileiro, Iansã corresponde a Santa Bárbara.

(CTTro)"[3] (Nogueira, 2023, p. 83). Com entendimento análogo, Abdias do Nascimento, em sua obra O genocídio negro brasileiro (2016), observa que o emprego da mentira e da dissimulação já era utilizado como estratégia para convencer outras nações da suposta benevolência da escravização dos povos africanos.

A partir de estudos que desvelam a história da população negra e sua cultura, notadamente o racismo religioso (Nascimento, 2016; Nogueira, 2023) e sua relação intrínseca com a desinformação (Bezerra, 2024; Jorge, 2023), sem esgotar-se nestes, defendemos neste estudo existir uma associação entre o fenômeno da desinformação e o racismo religioso. Contudo, acreditamos que as bibliotecas comunitárias afrocentradas podem ser espaços de acolhimento e diálogo que contribuem para o enfrentamento desse dilema contemporâneo. Diante desse núcleo, questionamos: como as bibliotecas comunitárias afrocentradas podem contribuir para a contenção da desinformação que potencializa os ataques às religiões de matriz africana? Estas perspectivas nos levam ao principal pilar do presente trabalho, cujo objetivo geral é discutir a relação do fenômeno da desinformação como vetor de propagação do racismo religioso no Brasil e analisar as bibliotecas comunitárias afrocentradas como espaços que contribuem para mitigar a proliferação dos ataques às religiões de matriz africana. Desdobram-se como objetivos específicos da pesquisa: discutir a relação entre desinformação e racismo religioso; apresentar as bibliotecas comunitárias afrocentradas como possibilidades de enfrentamento ao racismo religioso; e contribuir para o enfrentamento ao racismo religioso no âmbito das discussões informacionais.

As bibliotecas comunitárias, segundo Fernandez, Machado e Rosa (2018, p. 2) "compartilham histórias de criação de espaços de leitura em periferias urbanas, lutam pela efetivação do direito à literatura em contextos de exclusão social, [...] são mantidas a partir de seu engajamento e enraizamento comunitário". Por sua vez, as bibliotecas comunitárias afrocentradas possuem um escopo de atuação voltado para a cultura negra, representando um lócus de contenção à desinformação que propaga inverdades sobre as religiões de matriz africana. Por conseguinte, tem-se como marco empírico as seguintes bibliotecas: Biblioteca

[3] **Comunidades Tradicionais de Terreiro** – Espaços destinados à prática de tradições ancestrais de origem africana. São ligadas às religiões afro-brasileiras e constituem "modos de vida e identidades por meio de suas cosmovisões, respeito pela natureza, religiosidade, valores, princípios, hierarquia, línguas, estética e indumentárias" (Brasil, 2024).

Comunitária Afro-indígena Maria da Glória - *Dagó*[4], localizada em Volta Redonda/RJ, e a Biblioteca *Erê*[5], situada no Rio de Janeiro/RJ.

A metodologia da pesquisa tem as seguintes dimensões: quanto ao objetivo, é explicativa, buscando relacionar a desinformação ao contexto do racismo religioso; e, quanto à sua abordagem, é predominantemente um estudo qualitativo. Para avaliar o papel das bibliotecas comunitárias no enfrentamento ao racismo religioso, o tipo de pesquisa realizada foi o estudo de caso[6] junto às bibliotecas supracitadas, nas quais foram investigadas as atividades educativas realizadas e a formação do acervo com base em visitas feitas nestas instituições.

Os resultados apontam que, se, de um lado, temos a formação da nossa sociedade fundada no racismo, sendo este ampliado pela desinformação, de outro, temos as bibliotecas comunitárias afrocentradas desenvolvendo atividades que valorizam e protagonizam as culturas indígena e africana, produzindo informação étnico-racial que promove o respeito, a inclusão e a diversidade de pensamento.

2 “POR QUE DEVE A BOCA DO SUJEITO NEGRO SER AMARRADA?”

Diferentes épocas da história da sociedade brasileira sinalizam a tentativa de silenciar[7] tudo aquilo que formou o modo de vida da população negra, contando a sua história de forma contraditória e com pouco (ou nenhum) lugar de fala[8]. Diferente dos espaços de poder da nossa sociedade que reproduzem essa estrutura, as bibliotecas comunitárias são espaços que resistem e evidenciam o negro como protagonista da sua própria história. Assim, este referencial teórico, na primeira subseção, abordará a relação entre desinformação e racismo

[4] **Biblioteca Comunitária Afro-indígena Maria da Glória - *Dagó*** – A biblioteca, inaugurada em 11 de maio de 2024, foi nomeada em homenagem a Maria da Glória - *Dagó*, uma das primeiras mulheres negras a se formar no ensino superior em Volta Redonda/RJ. Conhecida por sua dedicação, Dagó foi uma das fundadoras do Clube Palmares e uma destacada ativista no movimento de luta e resistência na cidade (Boca do Povo, 2024).

[5] **Biblioteca *Erê*** – Localizada no bairro Gamboa, no Rio de Janeiro, e criada pelas irmãs Helena e Eduarda no ano de 2024, a biblioteca faz parte do projeto Pretinhas Leitoras. O acervo conta com mais de 300 obras e o espaço oferta atividades com o foco no letramento racial (Ferreira, 2024).

[6] **Estudo de caso** – Método de pesquisa que busca analisar determinado fenômeno a partir da perspectiva real, observando diretamente como ele ocorre, podendo ser amparado por técnicas tanto quantitativas quanto qualitativas. Através de um único caso, ou casos múltiplos, como os da presente pesquisa, busca-se conhecer esse fenômeno sem a interferência direta do pesquisador (Costa *et al.*, 2013).

[7] **Silêncio** – Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/11/06/ha-uma-tentativa-de-silenciamento-da-historia-negra-diz-pesquisador-de-memoria-afro-brasileira.htm. Acesso em 07 set. 2026.

[8] **Lugar de fala** – “[...] lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (Ribeiro, 2017, p. 37).

religioso, determinando as aproximações teóricas destas temáticas; e, já na segunda subseção, apresentará as bibliotecas comunitárias afrocentradas e as possibilidades de enfrentamento ao racismo religioso a partir delas.

2.1 DESINFORMAÇÃO E RACISMO RELIGIOSO

A desinformação em seu sentido estrito - compreendendo-a como aquela que possui a intenção de enganar (Fallis, 2015) - é um fenômeno social utilizado como ferramenta que auxilia as relações e manutenções de poder. Em 2018, a utilização desse recurso tornou-se evidente nas eleições[9] e o mesmo ocorreu na pandemia de Covid-19, em que a desinformação foi empregada para que se mascarasse o quão grave estava sendo esse problema de saúde mundial (Galhardi *et al.*, 2020).

Do mesmo modo, o racismo também é utilizado como ferramenta de manutenção de poder e é "central na vida política e social da América" (Sodré, 2023, p. 21), valendo destacar que, no processo de colonização do Brasil, desconsiderou-se toda a cultura indígena já existente no nosso território (Nogueira, 2023), sendo o mesmo feito com os povos africanos escravizados. Com a implementação de todo o modo de vida ocidental, buscou-se prevalecer o conhecimento daqueles que eram dominantes (europeus) mantendo os povos dominados (indígenas e africanos escravizados) em local inferior e de invisibilidade, de modo que as ações de inferiorização buscavam "o controle de mentes e corações" (Carneiro, 2023, p. 89), caracterizando o que denominamos de *epistemicídio*:

> Dispositivo de racialidade que atua enquanto instrumento operacional de solidificação hierárquica racial legitimador do conhecimento produzido pelo grupo racial dominante e deslegitimador dos grupos raciais colonizados e suas contra-narrativas ao padrão colonial-imperialista-capitalista-patriarcal do mundo (Garcês-da-Silva, 2023, p. 77).

Nessa construção de silenciar e deslegitimar "grupos raciais colonizados" (Garcês-da-Silva, 2023, p. 77), observa-se o caso da mulher escravizada Anastácia que foi silenciada tornando impossível a manifestação da sua verdade.

[9] **Desinformação nas eleições 2018** – Disponível em: https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/f7e9f3b0-37d8-4e33-b367-b655ae601eea/content. Acesso em: 10 nov. 2025.

Figura 1 - O silêncio imposto: Anastácia e a máscara da subjugação



Fonte: Kilomba (2019, p. 35).

Ainda que não se tenha uma única versão do motivo que a levou a ser obrigada a utilizar a máscara (Handler; Hays, 2009 *apud* Kilomba, 2019, p. 35-36), o fato é que Anastácia foi silenciada, e Kilomba (2019, p. 41) nos instiga a pensar o "[...] por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada?".

Apesar do silenciamento ser explícito no caso de Anastácia, essas ações, por diversas vezes, operam de forma mais veladas ou disfarçadas de uma ideia que busca preservar "o certo", apresentar uma dita "verdade". Nessa linha, observamos o que ocorre com as religiões de matriz africana que, frequentemente, são demonizadas e estigmatizadas, associadas a algo que é maligno (Nogueira, 2023, p. 84). Essas associações se externalizam por meio de ataques físicos e verbais – potencializados no contexto digital – que são direcionados aos adeptos, aos símbolos religiosos, aos rituais e territórios sagrados (Lunas; Barbosa, 2026, p. 8-9).

A rigor, não se observam condutas intolerantes referentes a outras práticas de fé, não se realizando associações explícitas ou diretas a algo que é "do mal" ou vinculadas a uma figura antagônica a Deus – pela perspectiva do cristianismo – que seria o diabo[10]. A título de exemplo, é possível afirmar que um pastor com sua bíblia na rua, fazendo uma pregação, não está sob risco como uma menina candomblecista fazendo uso de um *ojá*[11]. Tal cenário de discriminação, contudo, se faz muito presente no contexto das Comunidades Tradicionais de

[10] Diabo é "criatura inexistente na cosmologia africana" (Cantuária, 2020, p. 84).
[11] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/06/17/agora-tenho-medo-de-sair-sozinha-de-branco-diz-menina-apedrejada-no-rio.htm. Acesso em 07 set. 2026.

Terreiro, sendo possível compreender que os ataques não são somente à religião, mas ao modo de vida da população que a prática, notadamente as pessoas negras.

Ao observarmos que "o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas" (Munanga, 2004, p. 24), percebemos que, com as religiões, são estabelecidas as mesmas relações que existem na prática do racismo. Considerando essa relação entre a população negra e as religiões de matriz africana, tem-se a denominação racismo religioso[12].

Fazendo um recorte entre os anos de 2025 e 2026, é possível observar como o racismo religioso direcionado às religiões de matriz africana, no Brasil, tem aumentado. Em análise de dados divulgados pelo Disque 100 – canal pelo qual se realizam denúncias de violação de direitos humanos – identificaram-se 228 registros em relação à umbanda; 161 em relação ao candomblé; 47 registros identificados como umbanda e candomblé; e 40 identificados como outras religiosidades afro-brasileiras (Brasil, 2026).

Salienta-se que, em 2025, foi registrado um aumento considerável quando comparado a 2024: aumentou em 81% o número de denúncias para os casos de ataques às religiões, sendo violações às religiões de matriz africana as que mais foram registradas, apresentando o dobro de denúncias em relação ao ano anterior (Brasil, 2024). Esse dado acompanha a ampliação do número de pessoas que se declaram praticantes de religiões de matriz africana: se, de um lado, o número de pessoas que se consideram umbandistas e candomblecistas aumentou (crescimento de 0,3% em 2010 para 1,0%, em 2022, registrado pelo Censo Demográfico de 2022 do IBGE) (Brasil, 2024, p. 32), por outro, os ataques também cresceram.

As casas *Ilê Axé Omiojuarô* (RJ), *Ilê Axé Omi Ogun Siwajú* (BA) e Criola (RJ) construíram uma cartilha (que atualmente encontra-se em sua segunda edição[13]) que visa o enfrentamento ao racismo religioso e que evidencia que essas violências destinadas às CTTro – conforme exposto pelo Disque 100 – vêm crescendo por influência de políticas conservadoras que desconsideram o problema social associado à "raça, gênero, identidade de

[12] Não adotamos "intolerância religiosa" (conceito frequentemente utilizado), pois "é exatamente esse modo de vida baseado na **vivência africana**, que mesmo que seja vivenciado por pessoas não-negras, que se ataca" (Nascimento, 2016, p. 1, grifo nosso).

[13] **Cartilha Terreiros em luta: caminhos para o enfrentamento ao racismo religioso** – Disponível em: https://cearacriolo.com.br/wp-content/uploads/2026/04/Terreiros-em-Luta_VF_Digital.pdf. Acesso em: 02 jun. 2026.

gênero e direitos". "Não é por acaso que a maioria das lideranças religiosas atacadas foram de mulheres negras e homossexuais", afirmam Lunas e Barbosa (2026, p. 9).

Vale destacar também que as redes sociais digitais – que podemos considerar como "[...] um regime de verdade alucinado, mas plural, que tem sido explorado com eficácia pelos elementos mais reacionários do espectro político" (Schneider, 2022, p. 39) – tornaram-se espaços de evidente junção desses fenômenos sociais (desinformação e racismo religioso).

Um estudo feito pela Aláfia Lab identificou a desinformação como ferramenta para promoção do racismo nas redes:

> A desinformação, aliada a fenômenos como o discurso de ódio, aprofunda as violências contra grupos racializados. Em publicação feita pela escritora e professora Djamila Ribeiro sobre o período pós-escravidão e a falta de políticas de reparação, o espaço de comentários se tornou arena de desinformação sobre o assunto. A ideia principal era de que **os negros escravizaram os negros e, portanto, não deveria existir mecanismos sociais reparadores** (Carreiro; Guerra; Santos; Almada, 2024, p. 22, grifo nosso).

Da mesma forma, sedimentou-se a desinformação de que as religiões de matriz africana são "malignas". O professor Ivanir dos Santos apresenta que, na estrutura colonial ainda persistente no tempo presente no Brasil, disseminou-se a desinformação de que "[...] a África não tinha humanidade, não tinha cultura, não tinha história, **não tinha Deus**" (Santos, 2023, não paginado, grifo nosso), o que perpetua o racismo e faz com que esses grupos sejam mantidos à margem da sociedade sob uma estrutura de distorções informacionais e/ou informações falsas. Nesse sentido, podemos mencionar alguns estereótipos como a associação da prática religiosa de matriz africana à "magia negra"; "feitiçaria"; entre outros.

Após o reconhecimento do racismo religioso como um problema social que é ampliado pela desinformação, torna-se importante também pensar em meios de enfrentar essa estrutura. Por essa perspectiva, observamos a educação como ferramenta capaz de trazer a evidência de que "os povos negros escravizados e seus descendentes são sujeitos responsáveis pela construção social, cultural e econômica do Brasil" (Silva; Valério, 2018, p. 115-116). Além disso, a educação também é importante para "oferecer tanto aos jovens como aos adultos possibilidades de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados" (Munanga, 2005, p. 17).

Dentro desse contexto, as bibliotecas podem ser espaços de educação e empoderamento informacional. Nesse cenário é que analisamos, como recorte, as bibliotecas

comunitárias afrocentradas, reconhecendo-as como potenciais espaços de promoção de informação étnico-racial[14] e como um caminho possível de enfrentamento ao racismo religioso, o que apresentaremos na próxima subseção.

2.2 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS AFROCENTRADAS: RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO NEGRO

Inicialmente, vale destacar que as bibliotecas comunitárias possuem características importantes na sua formação: são espaços construídos pela e para a comunidade, em regra se encontram em locais mais periféricos e não possuem vínculo estatal direto (Machado, 2008). Como preceitua Machado, as bibliotecas comunitárias buscam "ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social" (Machado, 2008, p. 64).

Nesse processo, essas bibliotecas valorizam aqueles que são colocados à margem da sociedade, dão voz e território, podendo essa construção ser caracterizada como "um momento de ruptura dentro do cenário de extrema complexidade que marca a descontinuidade de um percurso previsto pelas classes dominantes para um determinado grupo de pessoas moradoras das periferias" (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 36). Nas bibliotecas comunitárias é a própria comunidade que a constrói através das suas narrativas. Nesse ínterim, compreendendo a importância das bibliotecas comunitárias, reconhecemos esses espaços como possíveis caminhos para enfrentar os problemas sociais e buscamos compreender as bibliotecas comunitárias do tipo "afrocentradas", que são as que possuem acervo e atividades associadas ao protagonismo negro.

Assim, foi realizado um estudo de caso múltiplo junto às Bibliotecas Comunitárias Afrocentradas Erê e Maria da Glória - *Dagó*. A Biblioteca Erê encontra-se localizada no bairro Gamboa, no Rio de Janeiro/RJ; tem um acervo formado por autores negros brasileiros de narrativas afro, da diáspora, indígenas, caipiras, ribeirinhas, brasileiras[15]; e está voltada principalmente para atender crianças e adolescentes da região denominada como Pequena África. A Biblioteca Erê, no momento das visitas, encontrava-se no espaço Lanchonete<>Lanchonete, que é um local de realização de outras atividades sociais e que

[14] **Informação étnico-racial** – Para o presente estudo, compreende-se como informação étnico-racial aquela que tem o negro como protagonista da própria história e não a informação contada pelos registros coloniais.
[15] **Acervo Biblioteca *Erê* –** Disponível em: https://www.lanchonetelanchonete.com/_files/ugd/57d79b_77a87ab12c4f4075bce8367629f12b8c.pdf. Acesso em: 11 jun. 2026.

acolhe crianças e adolescentes no contraturno escolar. Este espaço se divide em grupos de trabalho e a Biblioteca encontra-se no grupo Escola Por Vir, que "busca a descolonização do pensamento, reconhecendo a educação e a arte como um agir que articula fragmentos da diversidade, que atualiza o comum, como política de inclusão" (Lanchonete<>Lanchonete, 2017, não paginado).

É interessante observar que a própria estrutura do espaço evidencia elementos da cultura africana, como a circularidade. Kilomba destaca que "descolonizar o conhecimento" também se relaciona como a forma que se apresentam (Kilomba, 2019, não paginado), e podemos observar isso no formato em que as atividades são realizadas naquele espaço:

Figura 2 - Espaço Lanchonete<>Lanchonete - Círculo solar (Biblioteca *Erê*)



Fonte: Espaço Lanchonete<>Lanchonete. Registro dos autores (2025).

A Biblioteca Comunitária Maria da Glória - *Dagó* está localizada no bairro Jardim Europa, na cidade de Volta Redonda/RJ, e seu acervo é composto por autores negros e indígenas, além de outros autores que abordam as questões raciais e a história da África, sendo seu público formado pela comunidade em geral, realizando empréstimo de livros. A Biblioteca Maria da Glória - Dagó também pratica a descolonização e a promoção da informação étnico-racial. A biblioteca está localizada no Clube Palmares, criado para atender à população negra no município de Volta Redonda e que busca:

> [...] incentivar o estudo e pesquisa sobre o negro e sua cultura afro-brasileira no estado do Rio de Janeiro, no Brasil e no exterior; Promover a integração social da população local, valorização de suas origens e culturas, estudo dos seus problemas nacionais e internacionais; Promover reuniões de caráter social, atléticas, educacionais, cívicas e de direitos humanos; Promover e difundir a prática de desportos em geral; Propor ações que visem a integração da comunidade negra no contexto sócio-econômico, cultural, ambiental, político e na preservação de doenças étnicas; [...] desenvolver o intercâmbio social, cultural e desportivo com sociedades congêneres (Palmares, 2020, não paginado).

O acervo da biblioteca evidencia os objetivos do Clube Palmares de valorizar a cultura afro-brasileira, possuindo obras como Omo-oba: Histórias de princesas e príncipes (2023), da escritora Kiusam de Oliveira; Conhecendo os Orixás: de Exu a Oxalá (2018), da autora Waldete Tristão; e Flechinha: o príncipe da floresta (2018), da autora Kenia Maria. Abaixo, destaca-se fotografia de parte do acervo da Biblioteca Maria da Glória - *Dagó*.

Figura 3 - Acervo da Biblioteca Comunitária Maria da Glória - *Dagó*



Fonte: Biblioteca Comunitária Maria da Glória - Dagó. Registro dos autores (2025).

Apesar de não se apresentarem dessa forma, as bibliotecas estudadas têm como método de abordagem a pretagogia[16], pois as práticas adotadas valorizam a cultura africana. Ademais, em que pese não estejam inseridas no ambiente escolar, quando promovem o

[16] **Pretagogia** – "[...] referencial teórico-metodológico de matriz africana que está sendo construído por pesquisadoras(es)-educadoras(es), na perspectiva de fomentar práticas educativas concretas para uma educação antirracista, valorização da cosmovisão africana e afro-brasileira, contribuindo para implementação da citada lei na matriz curricular das escolas" (Silva; Petit, 2019, p. 543).

protagonismo da história africana por meio da perspectiva daquele que foi dominado na sociedade, esses espaços também estão cumprindo as diretrizes da lei nº 10.639/2003[17].

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa, foi realizado um estudo de caso múltiplo – por apresentar mais de um objeto empírico – com as bibliotecas acima apresentadas, o que se desenvolveu após pesquisa de cunho bibliográfico para a definição e compreensão dos temas estudados. Vale observar que, para a realização do estudo de caso, alguns elementos centrais precisam estar presentes, sendo eles "as questões de um estudo; suas proposições; sua unidade de análise; a lógica que une os dados e as proposições; e os critérios para se interpretar as descobertas" (Yin, 2001, p. 42). Além disso, entre as técnicas adotadas, ao referir-se ao estudo de caso, torna-se evidente maior observação do que interferência no campo estudado (Gil, 2008, p. 57). Abaixo destacam-se as etapas de realização do estudo de caso em comento.

Quadro 1 - Etapas da realização do estudo de caso

Etapas	Descrição
Identificação das questões do estudo	Como as bibliotecas comunitárias afrocentradas podem contribuir para a contenção da desinformação que gera os ataques às religiões de matriz africana?
Unidades de análise	1. Biblioteca Comunitária Erê. 2. Biblioteca Comunitária Maria da Glória - Dagó.
Embasamento teórico metodológico	Quanto ao método, foram utilizados autores como Gil, Yin e Costa, Nascimento, Cruz, Terra e Silva. Para base da pesquisa, adotaram-se autores como Nogueira, Munanga, Kilomba, Bezerra, Schneider e Garcês-da-Silva.
Visitações às unidades	Biblioteca Maria da Glória - Dagó – 14/09/2024 e 24/06/2025. Biblioteca Erê – 20/06/2025.
Proposição	Que as bibliotecas comunitárias afrocentradas podem atuar no enfrentamento aos ataques às religiões de matriz africana que são intensificado pela desinformação.
Análise dos dados coletados	As informações obtidas foram analisadas com base no estudo bibliográfico feito anteriormente, a fim de identificar os elementos principais das bibliotecas estudadas, mas também relacioná-los com os estudos já feitos sobre o tema e a própria construção da sociedade.

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

[17] **Lei Federal 10.639/2003** – "Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira'" (Brasil, 2003).

As visitas realizadas nas bibliotecas foram eficazes para que o questionamento pudesse ser respondido e a proposição confirmada. Salienta-se ainda que, além dos autores que fundamentaram a realização do estudo de caso, o arcabouço teórico utilizado para compreensão da temática estudada foi fundamental para análise qualitativa das informações obtidas nesses espaços através das visitações, cujos resultados serão apresentados a seguir.

4 QUANDO A BOCA JÁ NÃO ESTÁ TAPADA: BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS AFROCENTRADAS

Ao analisarmos as bibliotecas comunitárias afrocentradas Erê e Maria da Glória - Dagó, compreendemos que, pelo seu acervo e sua formação, elas, de fato, apresentam autores negros, indígenas, que protagonizam suas histórias. A partir da incursão realizada conforme quadro 1, outros pontos podem ser, em síntese, observados.

Quadro 2 - Síntese dos achados nas bibliotecas afrocentradas pesquisadas

Biblioteca Erê	Biblioteca Maria da Glória – Dagó
O acervo fica em um armário aberto, permitindo livre acesso a crianças e adolescentes. Destaca-se o uso de alfabeto temático afro-brasileiro exposto no espaço Lanchonete<>Lanchonete que traz associações como: A de axé, B de berimbau, D de dendê. Quanto às atividades realizadas, o espaço conta com oficinas semanais focadas na formação de leitores críticos.	O acervo é organizado por temas como: relações étnico-raciais, educação, biografia, religiões, cultura afro-brasileira, história, filosofia, literatura (romance, poesias, contos, crônicas) e HQ. O espaço de leitura é equipado com mesas, cadeiras, poltronas e área livre no centro. Quanto às atividades realizadas, o Clube Palmares promove cursos de "Educação Antirracista" e "Letramento Racial".

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Desse modo, podemos reconhecer esses espaços como “[...] lugares constituintes de memória, disseminando informações étnico-raciais capazes de construir imagens positivas, exercendo seu papel de servir a comunidade de modo geral e respondendo na prática às demandas da diversidade cultural” (Aquino; Santana, 2013, p. 17). Destaca-se ainda que o modo como a escrita é feita e transmitida a nós ao longo da vida pode levar o próprio negro à desinformação, deixando-o de reconhecer a sua verdadeira participação na construção da sociedade (Aquino; Santana, 2013, p. 29). Essa é uma tentativa feita intencionalmente ao longo da história, visando manter a hierarquização ou, ainda mais grave, “eliminar a população negra, considerada como raça inferior” (Lima; Bernardino; Silva, 2018, p. 74). Considerando que a informação é capaz tanto de emancipar quanto de colonizar (Silva, 2014),

espaços de informação afrocentrada são capazes de desconstruir ideias racistas e descolonizar o conhecimento, como podemos depreender das bibliotecas citadas como objetos empíricos.

Esse processo de emancipação e de descolonização é perceptível nas bibliotecas estudadas, as quais, mesmo com as limitações quanto à falta de verbas e necessidade de trabalho voluntário, realizam atividades em que pessoas negras e periféricas protagonizam o campo prático e teórico. Com isso, essa ação de relacionar, por meio das atividades, a teoria e a "vivência" permite a compreensão da "cosmovisão africana". A essa construção, Silva e Petit denominam de **didática pretagógica** (Silva; Petit, 2019, p. 546).

Ainda que esses espaços não se destinem somente ao enfrentamento ao racismo religioso – considerando que as religiões de matriz africana são inerentes ao modo de vida da população africana –, ao apresentar a história da África, dos orixás e da estruturação do Brasil por outra perspectiva, através de uma "didática pretagógica" e por meio do protagonismo negro, altera-se o *status quo* que a sociedade tanto busca manter de inferiorização do negro. Quando isso ocorre, tudo que é pertencente a ele – religião, cultura, trabalho, alimentação – também ganha outro lugar, podendo-se considerar que essas práticas são capazes de, ao menos, contrapor a desinformação sustentada sobre as religiões de matriz africana, favorecendo um ambiente libertador e reflexivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu identificar a desinformação como ferramenta que potencializa os ataques às religiões de matriz africana. As associações de que as religiões afro-brasileiras são "malignas", relacionando-as à "magia negra", ou até mesmo a desinformação sobre a narrativa do processo de colonização são recursos de uma tentativa de inferiorização adotados para manter os negros à margem, sendo essa estratégia também desempenhada a tantos outros grupos que são minorizados na sociedade. Porém, mesmo diante dessa estrutura racista já sedimentada, espaços que caminham no sentido oposto se destacam, como é o caso das bibliotecas comunitárias Maria da Glória - *Dagó* e *Erê*.

Nesse sentido, retornando ao questionamento norteador dessa pesquisa, podemos afirmar que as bibliotecas comunitárias afrocentradas analisadas possuem potencial para o enfrentamento da desinformação que potencializa os ataques às religiões de matriz africana, fazendo isso através do protagonismo negro e da valorização da informação étnico-racial contidos em seus acervos e práticas. As atividades desenvolvidas e as obras presentes nos

acervos preservam histórias que não demonizam ou inferiorizam as religiões de matriz africana, trazendo os deuses e ancestrais africanos para posições que sempre lhes couberam: de heróis, reis e rainhas, trabalhadores e vencedores de batalhas. Nesse contexto, tem-se um caminho para que se enfrente a desinformação acerca das religiões de matriz africana, a partir de territórios de resistência que caminham na contramão da estrutura histórico-colonial, preservando e reconhecendo o protagonismo da cultura africana.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Miriam de Albuquerque; SANTANA, Vanessa Alves. Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negros. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [*s. l.*], v. 6, n. 2, 2013. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/73160. Acesso em: 29 jul. 2025.

BEZERRA, Arthur Coelho. **Miséria da informação**: dilemas éticos da era digital. Rio de Janeiro: Garamond, 2024.

BOCA DO POVO. **Clube Palmares inaugura Biblioteca Comunitária Maria da Glória Dagó, em Volta Redonda**. Volta Redonda 2024. Disponível em: https://www.clubepalmares.org.br/institucional.Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. Biblioteca IBGE. **Censo demográfico 2022**: religiões: resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102182. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social. **Povos e comunidades de terreiro e matriz africana**. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/povos-e-comunidades-de-terreiro-e-de-matriz-africana. Acesso em: 12 jun. 2026.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Intolerância religiosa segue como violação recorrente em 2026, apontam dados do Disque 100**. 2026. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2026/janeiro/intolerancia-religiosa-segue-como-violacao-recorrente-em-2026-apontam-dados-do-disque-100. Acesso em: 3 fev. 2026.

CANTUÁRIA, Priscila Ceccato de. **A religiosidade negra em uma sociedade estruturalmente racista**: a liberdade de fé dos povos tradicionais de terreiro. Belo Horizonte: Dialética, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARREIRO, Rodrigo; GUERRA, Ellen; SANTOS, Nina; ALMADA, Maria Paula. **Racismo pra quê?**: as estratégias dos discursos racistas nas redes. Salvador: Aláfia Lab, 2024. 160 p. Disponível em: https://alafialab.org/racismo-pra-que-as-estrategias-dos-discursos-racistas-nas-redes/. Acesso em: 15 jan. 2025.

CLUBE PALMARES. São Paulo. 2020. Disponível em: https://www.clubepalmares.org.br/institucional. Acesso em: 4 out. 2025.

COSTA, Alexandre de Souza; NASCIMENTO, Aline Vieira do; CRUZ, Emilia Barroso; TERRA, Letícia Labati; SILVA, Marina Ramalho e. O uso do método estudo de caso na ciência da informação no Brasil. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 49-69, 2013. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/article/view/59101. Acesso em: 10 fev. 2026.

FALLIS, Don. **What is disinformation?** Illinois: Johns Hopkins University Press and the Graduate School of Library and Information Science, 2015. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/items/92058. Acesso em: 27 nov. 2024.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. *[S.I].* CCLF; RNBC, 2018. Disponível em: https://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/167.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

FERREIRA, Elen Oliveira. **Biblioteca Erê**: elogiada pela Folha de São Paulo, um exemplo de educação plena e bem-viver. São Paulo, 19 dez. 2024. Disponível em: https://www.pretinhasleitoras.com.br/post/biblioteca-er%C3%AA-elogiada-pela-folha-de-s%C3%A3o-paulo-um-exemplo-de-educa%C3%A7%C3%A3o-plena-e-bem-viver. Acesso em: 10 abr. 2025.

GALHARDI, Cláudia Pereira *et al*. Fato ou fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, p. 4201-4210, 2020.. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020. Acesso em: 2 set. 2025.

GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro. **Biblioteconomia negra**: das epistemologias negro-africanas à teoria crítica racial. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

JORGE, Thais de Mendonça. Muitos termos e um significado. *In*: JORGE, Thais de Mendonça (org.). **Desinformação o mal do século**: distorções, inverdades, fake news: a democracia ameaçada. Brasília: Supremo Tribunal Federal; Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2023, p. 16-21. Disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/campanha/anexo/combate/ebook_desinformacao_o_mal_do_seculo.pdf. Acesso em: 3 fev. 2026.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO__EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

LANCHONETE. **Lanchonete<>lanchonete**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.lanchonetelanchonete.com/. Acesso em: 4 out. 2025.

LIMA, Priscila Correa de; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SILVA, Joselina da. Contação de história como instrumento de construção da identidade negra: estudo de caso na biblioteca do Centro Cultural Banco do Nordeste – Cariri. **Revista Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 4, n. esp., p. 60-74, 2018. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/119231. Acesso em: 4 out. 2025.

LUNAS, Maiah; BARBOSA, Hallan (org.). **Terreiros em luta**: caminhos para o enfrentamento ao racismo religioso. [*S. l.*]: Criola, 2026. Disponível em: https://cearacriolo.com.br/wp-content/uploads/2026/04/Terreiros-em-Luta_VF_Digital.pdf. Acesso em: 11 jun. 2026.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/publico/Tese.pdf. Acesso em: 6 fev. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: BRANDÃO, André Augusto (org.). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Intolerância ou racismo? **Hora Grande**, São Paulo, n. 167, ano 21, p. 1, out. 2016.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

PAGADOR de promessas. Direção: Anselmo Duarte. Produção: Oswaldo Massaini. [*S. l.*]: Cinedistri, 1962. 1 filme (92 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oyYDcXD-SqI. Acesso em: 13 jun. 2026.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. Disponível em: https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

SANTOS, Ivanir dos; DIAS, Bruno Bonsanto; SANTOS, Luan Costa Ivanir dos. **II Relatório 169 sobre intolerância religiosa**: Brasil, América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: CEAP, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384250/PDF/384250por.pdf.multi. Acesso em: 10 jan. 2025.

SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação**: pós-verdade, fake news e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SILVA, Dávila Maria Feitosa da; VALÉRIO, Erinaldo Dias. Descolonizando o fazer bibliotecário: uma ação urgente e necessária. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; LIMA, Graziela dos Santos (org.). **Bibliotecári@s Negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. Florianópolis: ACB, 2018. Disponível em: https://www.acbsc.org.br/wp-content/uploads/2018/08/LIVRO-COMPLETO.pdf. Acesso em: 7 nov. 2026.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Bamidelê**: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3973. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Samuel Morais; PETIT, Sandra Haydée. Movimentando a lei n. 10.639/03 na integridade da escola à luz da pretagogia: uma experiência potencializadora no Cariri cearense. **Debates em Educação**, [*S. l.*], v. 11, n. 23, p. 543-554, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n23p543-554. Acesso em: 10 jul. 2025.

SODRÉ, Muniz. **O racismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis: Vozes, 2023.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.